

Haroldo Hollanda ^{ANC}

Clima propício ao entendimento

Já houve o primeiro encontro exploratório entre um grupo representativo da esquerda independente do PMDB com o deputado Carlos Sant'Anna, líder da maioria, na tentativa de encontrar ponto comum de entendimento em torno do papel a ser exercido pela Constituinte. A esquerda-independente do PMDB quer excluir, através de ato da Constituinte, os aspectos autoritários da Constituição em vigor, como o decreto-lei, o estado de emergência, substituindo-os por mecanismos democráticos. Tencionam ainda as esquerdas obter o retorno das prerrogativas do Congresso.

Na avaliação das lideranças políticas das esquerdas, foi positivo o primeiro encontro mantido com o líder Carlos Sant'Anna. Há clima favorável a que as negociações possam prosperar e chegar a um final feliz. As discordâncias situam-se apenas nos seus aspectos processuais. Por exemplo, o senador Jarbas Passarinho, embora seja do PDS, como intérprete do pensamento conservador, admite aceitar as reivindicações formuladas pelas esquerdas e grupos liberais de promover modificações no corpo da Constituição vigente. Mas acha que o caminho adequado seria o Congresso. Observa que com um acordo entre os partidos, não haveria dificuldade na aprovação de uma emenda constitucional que tratasse da matéria. Considera, no entanto, perigoso abrir o precedente de realizar uma reforma constitucional pela Constituinte. «Quem nos garante que a Constituinte pararia aí?», pergunta inquieto o senador Passarinho.

O deputado Virgildásio de Senna, da esquerda-independente do PMDB, responde indiretamente a Passarinho, ao afirmar que a Constituinte tem de auto-limitar-se para não se transformar na Convenção de Paris, numa referência aos acontecimentos da Revolução Francesa. Definir os poderes da Constituinte, na sua opinião, tranquilizaria a nação. Entende que as medidas econômicas não podem mais ser tomadas secretamente, através de decreto-lei. Adverte que o PMDB não é o Arenão nem pode perder sua identidade e autonomia. Se o PMDB acompanhar o governo numa posição conservadora, teme que as bandeiras do partido venham a ser arrebatadas de suas mãos pelo PDT, pelo PT e outros grupos políticos de esquerda.

Opinião quase idêntica à de Virgildásio tem o deputado pernambucano Egydio Ferreira Lima, considerado na Câmara como o ideólogo da esquerda-independente. Egydio alerta que se o governo partisse para forma na Constituinte uma maioria parlamentar conservadora, ela correria o risco de transformar-se em palco de graves confrontos, com cerca de mais de cem deputados resistindo e lutando contra uma posição imobilista. Mas Egydio e Virgildásio revelam-se confiantes e esperançosos em um entendimento.

O poder e a crise

Em conversa informal com jornalistas, nas imediações do plenário da Constituinte, embora se revele confiante numa solução para os problemas da hora presente, o senador Jarbas Passarinho, do PDS, não deixa de manifestar suas inquietações. Mas acha que ainda não chegamos a uma situação, segundo ele, «de catástrofe paroxística», como a definiria o ex-ministro Ibrahim Abi Ackel. Sobre a possibilidade de uma nova intervenção militar no processo político, disse: «Há sempre alguém disposto a estender seu braço para alcançar na prateleira das soluções extremadas o golpe de Estado». Mas não vê clima no Brasil para isso. Acredita mais na viabilidade de uma solução parlamentarista de emergência, se o impasse viesse a se caracterizar. Dá o exemplo: «O Sarney, em dado momento, aborrecido com o ônus que carrega sobre os ombros, poderia concordar com o parlamentarismo». Nessa hipótese, segundo Passarinho, Ulysses Guimarães seria primeiro-ministro e sobre ele passariam a recair todos os aspectos negativos da crise econômica e social que vivemos.

Quanto a um golpe de Estado, reconhece que se ele fosse praticado no Brasil viria de forma cruenta, dada a complexidade que adquiriu a própria sociedade. A última intervenção militar clássica no nosso processo político foi a de 64. Não há hoje, segundo Passarinho, as mesmas chefias militares do passado, como Odylio Denys, que atuavam no meio militar como elemento de moderação.

Estremecidos

Estão rompidos politicamente os senadores José Richa e Afonso Camargo Junior, ambos do PMDB do Paraná. A divergência, pelo menos aparentemente, tem como ponto de partida a posição crítica assumida por Camargo em relação ao governo federal, com a qual Richa não concorda. Mas corre também a versão de que Richa estaria sendo marginalizado politicamente pelo governador eleito do Paraná, Alvaro Dias, na organização do seu secretariado. Consta que Camargo estaria entendido com Alvaro Dias contra Richa.

Ontem e hoje

No Congresso não se fala em outro assunto, a não ser em que o ex-presidente João Figueiredo e o ex-ministro Delfim Netto teriam sido objeto de aplausos populares, ao ser observada a presença de um num supermercado e de outro num restaurante. Figueiredo saiu do governo impopular. E o ex-ministro Delfim Netto, ao deixar o Ministério da Fazenda, havia se transformado em inimigo público nº 1 do Brasil. Os fatos em questão são apontados pelos políticos como exemplos significativos do fracasso da atual política econômico-financeira.

Isolando os radicais

O ex-ministro da Agricultura e deputado Allysson Paulinelli celebra como uma vitória o início de diálogo entre o governo e as lideranças moderadas da agricultura, que estiveram em Brasília para apresentar suas reivindicações. Apenas lamenta que o sr. Ronaldo Caiado, da UDR, tenha feito uma tentativa de radicalizar o movimento, o qual por um triz, segundo sua avaliação, não «terminou em tragédia». Considera inaceitável porém, as propostas do governo de realinhar os preços de determinados produtos agrícolas em patamares inferiores aos de um ano atrás.